

A DIMENSÃO IDEOLÓGICA DO LAZER

Norma Felicidade Lopes da Silva
IAC/PUCCAMP

Este trabalho pretende analisar o lazer — no aspecto de divertimento e interesse social — como sendo um instrumento de manutenção da dominação capitalista, resultante da dominação ideológica que nos compele a aceitar e reproduzir o sistema autoritário.

O lazer funcional, como um conjunto de atividades em que o homem se desliga das relações de produção e da fadiga psicomental, através do divertimento e do convívio social-informal, seria, em tese, uma compensação da monotonia do trabalho diário, à medida em que rompe com este. Da mesma forma, se, cotidianamente, o homem sofre a despersonalização das tarefas profissionais, o momento de lazer propiciaria a liberação de sua capacidade criadora, a despeito das obrigações institucionais.

Contudo, tal liberação não se constata na realidade concreta, pois que o homem sofre incessantemente condicionamentos sócio-econômicos e culturais, que passa pelo consumo de massa, pela estrutura de classes, próprias dos descaminhos da nossa civilização.

O lazer funcional, tal como se dá nos dias de hoje, tem sido o espaço onde se cultiva os valores do sistema capitalista; onde a liberação se tornou uma falácia ante à fragmentação do homem; fragmentação esta que impossibilita a inventividade e obstaculiza o lazer/ prazer.

A resposta do sistema à fragmentação do homem que ele gera, está em ofertar bens de consumo, estimulando os consumidores e, se necessário, disvirtuando-lhes a primitiva essência no sentido de uma transformação em objetos de mercado.

Nisto, o lazer funcional tem sido um grande negócio, fonte de alta rentabilidade financeira e de difusão ideológica do autoritarismo.

O homem, com a divisão social do trabalho, ficou reduzido à categoria de subproduto mecanizado, sem possibilidade de desenvolver suas próprias faculdades. O trabalho tornou-se alienado, e o homem se viu cerceado em sua criatividade, sentimentos e raciocínio. O simples apertar de botões não deu nenhuma medida de progresso individual, mas permitiu a produção em massa, de baixo custo. Logo, se o aumento da produção de massa permitiu, nos centros urbanos, a elevação do padrão de vida material do homem, não houve em correspondência, a elevação de sua consciência em relação à realidade que o cerca.

Ao contrário, os efeitos do que ocorre na esfera da produção são visíveis em todos os mecanismos de poder social: há novas formas de coerção para novas formas de autoridade do capital sobre o trabalho.

Nos centros urbanos, o capitalismo está à espreita dos mitos, rituais, dos desejos íntimos do homem, corporificando-os, tornando concreta sua felicidade: concreta, patenteada, regulamentada, institucionalizada, pronta para o consumo. Não importa se tradicionais ou moderníssimas, todas as correntes encontram receptividade por parte do sistema. O **marketing** lança sua rede e colhe, na sociedade, valores e mentalidades que, adaptadas, se põem a serviço da lucratividade dos setores da indústria, do comércio, etc. O estilo romântico e o pós-moderno são marcas que vendem como maneiras de pensar e agir.

Sistematicamente, o lazer funcional tem sido desfrutado na propriedade do outro, dando retorno ao investimento do outro, nos bares, motéis, clubes do outro. Se, por um lado, os clubes das empresas oferecem a seus funcionários espaço para o alívio das tensões causadas pela vida sedentária; por outro, utiliza esse mesmo espaço para introjetar no empregado os valores do empregador. Tanto mais o espaço do entretenimento é aberto, quanto mais o empregado propiciar o ganho do capital.

Outro exemplo está nos esportes. Aqui, a difusão ideológica do nacionalismo ou regionalismo — conforme o momento —, é clara: a população se põe a torcer pelo simbólico combate de suas superioridades, representadas por seus campeões, seus mitos. Como se os patrocinadores inexistissem, como se os mesmos não controlassem essa superioridade, seja ela real ou fictícia.

A massificação desses tipos de lazer atinge a toda a gente por igual, pela mera capacidade aquisitiva, que por qualquer gênero de especialização cultural ou social. O fluxo de mercadorias e serviços chega ao consumidor final como algo que ele supostamente tivesse reivindicado.

Assim, as relações econômicas passam a permear as relações sociais.

Não se faz mais o que se gosta, se isso também não significar uma demanda de produtos, no consumo de roupas e equipamentos na prática do esporte preferido (aquele que é "in"); em freqüentar lugares badalados, no investimento da imagem pessoal perante o grupo.

Neste aspecto, os momentos de lazer têm sido os momentos de busca da mobilidade social, no arranjo de associações afetivas e informais com aqueles que demonstram maior capacidade aquisitiva, visando, a curto prazo, a ascensão social. O Grupo informal, que, supostamente, permitiria a descontração social, induz o homem à melhoria de sua "qualidade de vida", o que implica em manter-se a neurose consumista como pressuposto da não-marginalização social.

Em assim sendo, a confraternização de amigos transforma-se em sessão de fiscalização de consumo. No entanto, este rígido esquema de controle ideológico, em que o homem se vê reduzido a mero consumidor, não é fácil de ser desestruturado, tendo em vista que os aspectos motivacionais do homem foram percebidos e coordenados pelo sistema exatamente para manter esse estado de coisas.

Nesse contexto, o homem se põe a buscar sua felicidade, preocupando-se, porém, com a manutenção de seu *status* como premissa para aquela. Não se preocupa em buscar coisas simples e gratuitas; não se preocupa em recuperar a posse de si mesmo. Nem pode. Isolado, o homem não tem qualquer possibilidade face a sociedade capitalista, posto que caiu no risco de ser coisificado e foi submetido aos ditames da lei de mercado. Contudo, ao integrar-se num grupo, renunciou à liberdade pessoal em favor da atividade coletiva, tão controlável quanto a primeira.

Logo, o lazer, como automática liberação de tempo livre, para o divertimento ou descanso, é imprescindível para suportar o ritmo de vida imposto ao trabalhador; porém, não significa que, com isto, o mesmo esteja liberto das amarras da moderna sociedade industrial, do consumo do supérfluo, do obsoletismo planejado, da renúncia da satisfação imediata em nome do progresso, em nome da liberdade retórica do mundo capitalista.

A civilização urbano-industrial é marcada pelo ideário de liberdade, cuja realização se daria pela automação do trabalho e o advento da informática, possibilitando ao homem um espaço ilimitado para a sua criatividade e domínio sobre sua própria vida. Contudo, este ideário liberal-burguês trouxe em seu bojo a ilimitação do consumo como pressuposto para a felicidade; ou seja, o progresso econômico e tecnológico pôs em risco a autonomia do homem ante a busca de satisfação, porquanto esta só poderia se dar no estreito caminho em que os grupos econômicos manipulam os gostos e desejos, através da comunicação de massa.

Assim, o capitalismo moderno leva em consideração essa ilusão de felicidade, propagando o conceito de que ela deve ser buscada no meio onde vigoram as relações econômicas e sociais, e não uma busca internalizada no próprio eu. Ou seja, os momentos que o homem teria para buscar a sua felicidade (teoricamente longe do trabalho, nos momentos de lazer) o colocaria objetivamente longe de si mesmo e das relações de produção (do trabalho rotinizado); porém, sustentador do sistema à medida em que, neste espaço de tempo, se põem a consumir os bens por ele gerado.

Logo, não haveria contradição real no comportamento do homem laborioso e do ocioso, pois que seriam facetas opostas do mesmo homem num mesmo sistema. Como diz Erich Fromm, "apenas trabalho obsessivo enlouqueceria as pessoas, tanto quanto o fario ociosidade completa. Com a combinação, uma coisa e outra podem coexistir. Além

disso, ambas essas atitudes contraditórias correspondem a uma necessidade econômica: o capitalismo do século XX baseia-se tanto no máximo consumo de bens e serviços produzidos, quanto na equipe de trabalho rotinizado".¹

Ao que parece, o homem nunca está fora do sistema. Se esse sistema não determina efetivamente todas as faces do comportamento individual, se existe uma margem para a transformação e a crítica — fontes da evolução pessoal —; por outro lado, ao contactar com o meio social, cujas normas são rigorosas e a fiscalização formal/informal, eficaz, o homem entra num estado de angústia no confronto de duas de suas necessidades primordiais: a satisfação pessoal versus convívio social. A primeira, pressupõe libertar-se das determinações do meio relevando das determinações internas do prazer não postergável. O segundo, pressupõe a internalização de um sem número de ideologias que asseguram o sistema capitalista ao assegurar a não marginalização social.

Na resolução dessa angústia, a opção, não raro, recai sobre a segunda possibilidade. Destarte, a renúncia da satisfação imediata gera um vazio, uma solidão interior, que é redirigida para a busca da satisfação em relacionar-se com o meio circundante, onde o estímulo ideológico está em ganhar dinheiro, em vencer na vida, em consumir o máximo de bens disponível no mercado.

Para consolidar a neurose consumista, é montado o aparato jurídico-político e ideológico do Estado, que submete o homem a agir conforme os preceitos capitalistas, como condição da sua normalidade psíquica e social.

Por isso, não se pode falar em lazer fora de um contexto onde recai as teias da dominação capitalista. A dimensão dessa dominação incorpora a auto-imagem pessoal partindo da prática social, cujo efeito na sociedade capitalista está em legitimá-la permanentemente, mantendo-se, assim, as inovações constantes, a produção ilimitadas, etc. De nada valeria a geração de uma necessidade artificial sem que houvesse a compulsão individual ao consumo, forçada, ainda, pela pressão do meio, institucionalizando a estratificação social, dando parâmetros para a cidadania e a marginalidade, a normalidade e a loucura.

Dáí, se o lazer é uma forma de gratificação que o sistema oferece aos homens, isso não lhe custa objetivamente nada. Ao contrário, se torna condição de sua sobrevivência e perpetuação.

À medida em que o homem não consegue transcender a esse contexto e se vê fragmentado na sua existência concreta, sofrendo a domesticação de seus instintos, ele não começa, como é de se supor, a figurar como uma ameaça ao sistema. Como Marcuse assinalou existe "um oculto elo inconsciente que vincula os oprimidos a seus opressores, os

soldados a seus generais, os indivíduos a seus senhores",² em nome da manutenção da "segurança" e da "felicidade" individual.

Logo, se o capitalismo tem por base a propriedade privada, a luta pela posse se torna condição de existência do homem dentro do sistema. Na luta pela conquista de bens o homem sobrevive e destrói-se, contribuindo no aperfeiçoamento da máquina econômica que o subjuga. A ética capitalista é aquela em que os números e cifras justificam genocídios, como também justificam a escuridão mental dos indivíduos, em que cada homem representa uma quantidade, em que o espírito burocrático prevalece sobre o humanista, fruto da racionalidade econômica e científica do nosso século.

O lazer, portanto, não fugiria a essa patologia social do consumismo, em que o homem se aliena cada vez em que tenta garantir o seu bem estar. Que bem estar? O possuir.

Fromm demonstrou que "como lazer, automóveis, viagens, televisão, sexo, etc., são os principais objetos atuais de consumismo"; e ainda que o lazer moderno "é uma fonte de ter e talvez a mais importante da atual sociedade abastada industrial. Consumir apresenta qualidades ambíguas: alivia a ansiedade, porque o que se tem não pode ser tirado; mas exige que se consuma cada vez mais, porque o consumo anterior logo perde a sua característica de satisfação".³

Desta forma, o lazer funcional, tão difundido hoje nos centros urbanos, nos serve como alívio das tensões e no reestabelecimento do equilíbrio físico e psíquico, mas não como rompimento dos acordos tácitos com o grande capital.

Hoje, o lazer serve como meio de permanente reconciliação do homem com o sistema capitalista, com o mundo do trabalho; reconciliação dolorosa que distancia o homem da consciência de sua realidade, na caminhada em busca do lazer/prazer, na busca da essência de sua humanidade.

A consecução de um certo bem estar a nível das necessidades vitais não basta; é preciso, além disso, tornar a vida um todo, no qual nada cerceie as possibilidades de desenvolvimento humano.

Notas:

(1) Erich FROMM, *Ter ou Ser*, Rio, Ed. Zahar, 3ª ed., 1980, p. 27.

(2) Herbert MARCUSE, *Eros e Civilização*, Rio, Ed. Zahar, 7ª ed., 1980, p. 299.

(3) Erich FROMM, *op. cit.*, p. 45.